

Texto apresentado no lançamento do livro de Glória de Sant'Anna

O Sr. Fernando Couto, um amigo que muito respeito, lançou-me há tempos o desafio de me envolver de algum modo no lançamento do livro de Glória de Sant'Anna SOLAMPLO. Não o pude recusar por razões emocionais. Mas é também pelas mesmas razões que estou com dificuldades de exprimir com palavras, aquilo que a G.S. e a sua família significam para mim e para muitos que, como eu, com ela conviveram. É que a cumplicidade que se foi gerando entre nós (os jovens da altura) e ela era feita não de muita conversa mas, muitas vezes e sobretudo, de simples silêncios, de uma estranha admiração indizível (e mútua), de uma disciplina de olhos arregalados de meninos de colégio, de um agrado que a sua presença infundia, e de um profundo respeito dela e do seu marido para com todos nós, para com as nossas famílias, para com os moçambicanos e a terra que os acolheu e de quem ela falou e fala com extrema ternura e com uma sensibilidade que só um profundo apego permite.

Há várias gerações de jovens que, em Pemba, tiveram o privilégio de ser seus alunos de língua portuguesa e inglesa no Colégio Liceal de S. Paulo e na Escola Comercial. Mas o mais importante que ela nos deixou não foi o ensinar-nos a técnica de comunicarmos correctamente em português ou inglês. O mais importante que ela nos transmitiu foi a imprescindibilidade de sentir as coisas para delas falarmos, o prazer pela criação como acto de redescoberta de nós próprios. E era isto que nos excitava quando ela comentava as nossas redacções estimulando-nos com pequenos prémios do seu próprio bolso, para os melhores textos. Era isto que nos entusiasmava quando nos animava e orientava na arte da declamação e da leitura, nos saraus de poesia que ela organizava. Sempre um delicado sorriso e as suas palavras serenas a alimentar-nos a avidez e a estranheza de uma aparente rispidez nas suas aulas e na sua personalidade.

Nos meus inquisitivos e inocentes 14 a 16 anos, às vezes eu me perguntava a mim próprio que coisa era aquela que a G.S. transportava e que nos prendia e nos atraía no meio de tão poucas palavras? Creio que nenhum dos jovens da altura se esqueceu dela. Era sem dúvida para além de outras, uma magia estranha que punha em segundo plano todos os outros belíssimos valores que com ela e dela apreendemos. Uma magia que se encaixava, como o molusco ao búzio, ao valor do respeito para com os outros, ao valor da solidariedade e do sofrimento com o sofrimento dos outros, ao valor da contensão, ao valor do olhar interessado para os pequenos factos do quotidiano.

Com a família da G.S. veio-nos também a percepção de importantes valores do mundo moderno: desde o respeito à tradição à necessidade de criação e inovação; da distinção do desenho da sua casa à despreensão na sua arrumação, como que a dizer-nos que o mais importante não era o que se via, mas o que se sentia; do comportamento amigo e compreensivo dela e do seu marido, ao engajamento e integração social, de peito aberto, dos seus filhos na cruzada de libertação que varria as colónias portuguesas; da luta contra a ostentação, contra as injustiças, contra a falta de liberdade, à admiração das coisas simples do povo e da natureza.

Não é por acaso que tive como companheiro de evasão, na Suécia, o seu filho João. Não foi por acaso que nos oferecemos lágrimas de alegria e mágoa, quando nos encontramos em Estocolmo em 1973 a prenunciar o início de uma dolorosa separação física, subtilmente sofrida em muitos dos seus poemas.

Há tempos, alguns dos seus antigos ex-alunos juntaram-se para a trazerem para uma visita ao Moçambique independente. Por razões que não se prendem nem a meios nem a vontade, não foi possível concretizar a iniciativa. Ficou no entanto o sinal deste prazer profundo de partilharmos com ela as nossas alegrias e a nossas trizezas.

Rodeada de casuarinas para que o barulho da praia lhe entrasse pela casa adentro, ou guardada, em Válega - Portugal -, das honrarias que merece de todos nós, a Glória de ant'Anna continuará o SOLAMPLO da nossa infância, o farol da Maringanha das nossas vidas.

Júlio Carrilho

Maputo, 4 de Abril de 2000.